

Projeto Conhecimento

Entre Colunas

ABRIL DE 2024 - ANO II - Nº 004

A SIMBOLOGIA DA

PEDRA ANGULAR

E O PAPEL DOS MAÇONS DO ARCO REAL NA ORDEM E NA SOCIEDADE

AINDA NESTA EDIÇÃO:

- O PAPEL DO LÍDER DA LOJA
- A ARCA: O TRONO DE DEUS
- O DRAGÃO E A LANÇA
- SEGREDO E REPRESSÃO
- A ESCADA DE JACÓ

e mais

LIVRES!

E DE BONS COSTUMES

**JOAQUIM
NABUCO**

meu nome histórico é ...



EDITORIAL

Meus Amados Irmãos!

Começamos desejando a todos um excelente ano novo, cheio de paz e prosperidade, conhecimento e iluminação.

E cada novo ciclo, em geral a cada ano, fazemos a renovação ou a reflexão sobre nossas ações e em geral concluímos que mudanças sempre são necessárias, e elas são bem-vindas. A cada mudança salutar, encontramos novos ânimos para realizar projetos que antes permaneciam inertes.

A renovação nos faz sair da rotina e buscar novos caminhos, buscando criar soluções inovadoras, pois quando ficamos muito tempo na mesmice, nossa vontade se desanima e tendemos a crer que o marasmo e o tédio é o melhor caminho, mas, quando algo muda, a vida parece se renovar em nossas almas.

As Lojas estão em constantes mudanças, sejam administrativas ou de até de pensamentos, mas principalmente de pessoas e isso é sempre salutar, pois cada novo venerável que se apresenta, tende a se criar novos horizontes para arejar a Loja, cada nova ideia debatida na ordem do dia, nos traz novas reflexões e novas diretrizes, cada novo irmão que ingressa na loja traz novidades que antes eram inimagináveis e tudo isso é bom, é útil.

Por vezes algumas falhas na administração da nossa vida pessoal, profissional e mesmo maçônica, são corrigidas com as mudanças certas. Mas sem as falhas não há avanços, insistir em erros é recair na mesmice trágica, que levará a loja a uma decadência. Com todo o respeito, o velho deve abrir as portas ao novo, a uma nova administração de nossas vidas, mas essa mudança não pode esquecer do que já foi feito, tanto de certo quanto de errado, pois são essas experiências que formam a base para a reconstrução de nossos caminhos.

Nossa caminhada é cheia de altos e baixos, de acertos e erros, essa dinâmica que recicla nossos objetivos e nos recoloca em novos caminhos que aceitamos. Aprendemos com cada mudança, sempre é o momento de refletir e corrigir o curso de nossas vidas, criando novas oportunidades, gerando novas fronteiras para prosseguir e isso inclui a nossa caminhada maçônica.

“Seja a mudança que você quer ver no mundo”

(Mahatma Gandhi)

EXPEDIENTE

Editor: Ir.: Fábio C. de O. Neves

Tel: (91) 98831-8131

E-mail: projetoconhecimento.fanoel@gmail.com

Redação: Ir.: Dhyego Alessandro Costa

Tel: (91) 99172-5011

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista, muito menos da loja FANOEL.

Para qualquer informação, escreva para projetoconhecimento.fanoel@gmail.com ou entre em contato com a redação.

Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho nesta edição.

ÍNDICE

CAPA – A SIMBOLOGIA DA PEDRA ANGULAR E O PAPEL DOS MAÇONS DO ARCO REAL NA ORDEM E NA SOCIEDADE.....	02
CAPA – LIVRES E DE BONS COSTUMES.....	07
O PAPEL DO LIDER DA LOJA.....	09
DRAGÃO E A LANÇA - Elementos Iniciáticos no Aperfeiçoamento Humano.....	11
SIMBOLISMO ADONHIRAMITA DA ESCADA DE JACÓ.....	13
SEGREDO E REPRESSÃO.....	15
A ARCA — O TRONO DO DEUS ETERNO.....	17
MEU NOME HISTÓRICO: JOAQUIM NABUCO.....	18
OS AUTORES.....	19



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
 FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
 JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO
 PARÁ
 TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

CAPA

A SIMBOLOGIA DA PEDRA ANGULAR E O PAPEL DOS MAÇONS DO ARCO REAL NA ORDEM E NA SOCIEDADE

por: Willyans Maciel

Ainda na infância, tive o primeiro contato com o arco romano através de um documentário. Depois vim a saber que, embora os romanos o tenham utilizado com maestria e em larga escala, sua origem é etrusca e foi utilizado por diversos povos, entre eles os hebreus, gregos e babilônicos.

Pesquisando nas enciclopédias da época e conversando com familiares versados na construção, conheci os detalhes desta estrutura e pude fazer meus próprios experimentos infantis com o arco. Naturalmente, estes experimentos eram apenas pedras empilhadas que serviam mais a minha curiosidade do que a alguma funcionalidade prática. Mesmo assim, as características desta estrutura me fascinaram, belo, econômico e mais forte do que uma coluna sólida. Em uma palavra: elegante.



Figura 1 Vista panorâmica do Aqua Claudia, próximo a Roma.

Fonte: [Wikimedia Commons](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aqua_Claudia_01.jpg). Link: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aqua_Claudia_01.jpg

De fato, o arco é uma maneira eficiente de unir duas colunas, tornando a estrutura como um todo mais forte do que se esta união fosse feita por uma viga ou se as duas colunas fossem unidas em uma única coluna maior.

É possível interpretar que isto guarda alguma relação com o fato de o arco real ser parte do Simbolismo, os três graus são baseados em colunas, o arco real adiciona força ao simbolismo, por ser um arco e estar cronológica e simbolicamente no topo dos três graus, ele une as colunas, traz estabilidade para a ordem. Podemos explorar esta questão mais adiante.

Mesmo em meus experimentos infantis de pequena escala pude confirmar o que diziam as enciclopédias, no topo do arco, está o segredo de sua força: A pedra angular.

Qualquer pessoa que tente substituir a pedra angular por duas pedras cúbicas, ou de formato próximo a este, estará destinada a falhar em sua tentativa de compor um arco, pois o peso incidindo na conexão entre as pedras fará com que estrutura colapse. A pedra angular é o que torna o

arco possível, sem ela não há estabilidade, firmeza, eficiência ou beleza na construção de um arco.



Figura 2 Pedra angular na entrada de uma igreja alemã. Fonte: [Wikimedia Commons](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bonn-Oberkassel_Alte_Evangelische_Kirche_Schlussstein.jpg). Link: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bonn-Oberkassel_Alte_Evangelische_Kirche_Schlussstein.jpg

Antes de avançarmos, quero chamar atenção dos companheiros para um aspecto da lenda que nos é contada durante a exaltação ao Arco Real. Os forasteiros removeram a pedra angular e o arco da abóbada não desmoronou, como possivelmente aconteceria com um arco único, especialmente recoberto por detritos como estava. Qual o significado disto? O próprio ritual nos responde, não era apenas um arco, pois um arco sozinho não é capaz de constituir uma edificação. Era uma abóbada.

Há vários arcos na abóbada, de fato uma das técnicas mais comumente empregadas para se construir uma abóbada é justapor vários arcos, a ideia de abóbada composta de vários arcos será importante mais adiante neste trabalho, por enquanto, mantenham em mente que somos domáticos, conforme o ritual, e que a abóbada é frequentemente referida como “domo”.

Segundo a introdução do editor (W.J. Chetwode Crawley) do primeiro fascículo da obra *Caementaria Hibernica*, Domático vem de *Domaticus*, do latim pertencente a uma casa, e costumava ser usado, na Escócia, para se referir a um conjunto de maçons operativos que se reuniam para formar uma loja.

De volta à pedra angular, nosso tema de análise, trata-se de uma pedra cortada em ângulo (em relação às pedras que formam o restante do arco), em formato de cunha trapezoidal, colocada no ápice de um arco. O termo também é utilizado para pedras com a parte menor do trapézio



arredondada colocadas no ápice da abóbada que cumprem o mesmo papel daquelas colocadas no ápice dos arcos.

Qual papel seria este? Em ambos os casos, arco ou abóbada, a pedra angular é a última a ser colocada e trava as outras pedras em sua posição adequada, permitindo que se distribua as forças concorrentes oriundas do peso da própria estrutura, resistindo à gravidade, e do peso daquilo que for colocado sobre esta estrutura.

Assim, o peso distribui-se em semicírculos sobre o arco e sua incidência é distribuída para as laterais, na parte em que o arco se aproxima da base, reduzindo a incidência de peso no centro do arco e aumentando a sua capacidade de suportar a estrutura. Conforme o peso se acumula, o formato trapezoidal da pedra angular faz com que ela se fixe ainda melhor na posição, pressionando diagonalmente as outras pedras.



Figura 3 Arco de pedra clássico.

Link: <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/4947830-classico-antigo-arco-de-pedra-a-noite-azul>

Mesmo em meus experimentos infantis, com pequenas pedras ou blocos de madeira, o uso da pedra angular funcionava perfeitamente para travar o arco e qualquer tentativa de compor o arco de outra forma, sem uma pedra angular, falhava.

Ainda se deve lembrar, a título de introdução, que há uma confusão entre a pedra angular e a pedra de fundação, especialmente no uso em inglês, devido à expressão “cornerstone” que era utilizada para mais de uma finalidade e acaba fazendo com que algumas pessoas pensem que a pedra angular é meramente decorativa, já que a *cornerstone* é muitas vezes utilizada desta maneira.

Os termos “pedra angular”, “pedra de esquina” e “pedra de fundação” são muitas vezes utilizados como sinônimos no mundo profano e não especializado, mas em nossos estudos devemos ser cuidadosos com as distinções.

No nosso caso, o equivalente adequado para pedra angular na língua inglesa é “keystone”, a pedra chave.

Interpretação simbólica da pedra angular

Há um Salmo que trata da pedra angular de uma forma particularmente interessante: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular [...]” Salmo 118.

Ou como aparece na edição do Rei James, base de muitas das traduções para o português: “*The stone which the builders rejected is become the head of the corner [...]*” Psalm 118 King James Bible.

Este salmo mostra que a pedra angular já era usada para simbolizar uma pessoa de importância crucial para o desenrolar de eventos ou circunstâncias relevantes. Tal interpretação é particularmente importante para nós, Maçons do Arco Real, devido ao caráter simbólico de nossa Ordem.

Assim, há um primeiro significado para a pedra angular dentro da organização do capítulo: os três principais são, conjuntamente a pedra angular do Arco Real, assim como a pedra angular é a última a ser adicionada no arco, o maçom do arco real começa como forasteiro em sua exaltação e, por último, chegará a ser um dos principais quando passar por toda a cadeia de progressão dentro do arco. Este primeiro significado é de fácil apreensão e está explícito em nosso ritual.

Mas porque razão há três principais para representar uma única pedra? Uma das razões, mais relevante no contexto deste trabalho, é a de que a pedra angular exerce pressão em pelo menos três vetores, para baixo e diagonalmente para os dois lados na direção das outras pedras do arco, mas nunca para cima (para fora do arco). Isto pode ser interpretado como uma ênfase na concentração dos esforços dos principais em manter a coesão do capítulo, o foco é na união e no que está dentro, protegido pela abóbada da qual o arco faz parte.

Isto dá conta da parte fácil, não obstante, como maçons especulativos, devemos ir além do significado simples e investigar as consequências e implicações desta interpretação, afinal, não vivemos dentro do capítulo e se os nossos símbolos não nos ensinarem coisa alguma para a vida fora do capítulo sua serventia fica muito comprometida. A maçonaria busca aperfeiçoar o homem e não se tornar apenas uma confraria para que este se reúna de quando em quando.

Me permito, assim, fazer um esforço especulativo para interpretar o simbolismo da pedra angular em nossas vidas, como maçons do arco real. Cada capítulo é um arco na grande abóbada que protege o nome inefável, mas também, a



assinatura dos líderes dos construtores, peças chave, pedras angulares, para a obra dos homens em honra do V.E.E.D.O.A.



Figura 4 Ornamentação do capítulo e a cripta na qual os forasteiros encontraram o altar com o nome inefável. Fonte: <https://kentmuseumoffreemasonry.org.uk/bicentenary-of-the-holy-royal-arch/>

A partir desta recuperação do papel dos líderes da construção original conectamos o Arco Real aos três graus, pode-se então explorar o papel do arco real como parte do simbolismo, buscando dar estabilidade para as lojas, como um arco sobre colunas, do qual falamos no começo, reunindo maçons no capítulo e ajudando-os a serem pedras angulares em suas lojas.

Assim, há um outro significado da pedra angular para o maçom do arco real, a pedra angular pode ser entendida como representando cada um de nós, dando estabilidade e direcionamento para a força dos ambientes nos quais estamos inseridos na sociedade e para nossas lojas.

Neste sentido ela pode ser vista como um símbolo do homem virtuoso, que segue um rigoroso código moral e que tem a força e a coragem para realizar os atos mais nobres e necessários, mesmo sob risco, liderando pelo exemplo, mas consciente da tradição que o precede, das contribuições de seus antecessores e de seus pares.

Sobre suas contribuições, Sir Isaac Newton disse “se enxerguei mais longe foi por estar apoiado nos ombros de gigantes”.

Esta afirmação pode ser transposta para o nosso simbolismo como a compreensão de que a pedra angular está apoiada em muitas pedras que compõem o arco, virtuosas em si mesmas, pois cada uma destas pedras executa sua função e faz parte de uma progressão para a edificação.

Da mesma forma, cada homem é único e individual, mesmo quando contribui para o todo, cada um mantém suas características, suas habilidades e fraquezas, o Maçom do Arco Real deve ser capaz de identificar estas características em si mesmo e nos outros, colocando-as em ação a favor do cumprimento dos deveres e do aperfeiçoamento.

A pedra angular capitaliza sobre as contribuições destas muitas pedras, como nós Maçons do Arco Real capitalizamos sobre as contribuições dos grandes homens que nos antecederam, e a partir das pedras que formam o arco equaliza a força e a resistência, unificando o arco, dando-lhe estabilidade e firmeza para suportar os mais pesados monumentos que celebram as conquistas da nossa civilização.

Vejam o exemplo da importância dos aquedutos romanos, alguns de pé ainda hoje. Sem a contribuição de tais obras, a civilização ocidental talvez não tivesse executado muitas de suas façanhas e talvez não tivesse oportunidade de desenvolver diversas tecnologias.

O método de construir domos ainda é baseado no método romano, embora com os ajustes permitidos pela tecnologia recente, e o cimento de hoje é basicamente o cimento romano, parte do equipamento das fabricas de cimento atuais, grosseiramente falando, pode ser descrita como um “vulcão sintético”, os romanos pegavam pedras vulcânicas, nós fazemos as nossas, mas ainda usamos basicamente a mesma a receita.

Nós somos os herdeiros desta tradição, não se trata apenas de construir arcos, se trata de construir civilização.

“Mas os romanos fizeram coisas ruins também” poderia alguém argumentar. Todas as sociedades fizeram algo de ruim, isto, para nós, passa como lição. Romanos, hebreus, gregos, entre outros povos que fizeram parte da história da nossa civilização, devemos aprender com aqueles que nos precederam, pelo bom e pelo mau exemplo, do doce e do amargo, se me permitem lembrar-lhe de vossa iniciação.

O V.E.E.D.O.A. é certamente o ponto de união da nossa ordem, por Sua graça nos reunimos aqui em paz e concórdia, mas o funcionamento da ordem e as lições que ela traz à nossa vida têm por base os grandes homens de nossa civilização, suas conquistas, seus feitos, às virtudes que eles representaram, os conhecimentos que eles nos legaram e os erros que cometeram, em particular o Livro de Lei, que com sua abordagem permite uma compreensão intuitiva da complexidade do mundo, mas não nos restringindo a ele.

Tudo isto é a tradição daquilo que chamamos civilização, é a base do desenvolvimento humano, que pode ser interpretada de modo diferente por cada um, mas que é ferramenta útil ao aperfeiçoamento de todos. São os gigantes nos ombros dos quais nos apoiamos.

G

Glass Temper
Vidraçaria

Nesta interpretação, cada maçon do arco real deve ser uma pedra angular no arco da tradição da civilização, dando estabilidade àqueles que dele dependam, por meio do seu auto aperfeiçoamento e da busca do seu próprio interesse, desde que este não viole os direitos de natureza dos outros.

Afinal, sem a busca do próprio interesse o homem perde até mesmo a capacidade de ajudar o próximo. O aperfeiçoamento só é possível quando o homem se interessa em tornar-se melhor por si mesmo e ao fazer isto percebe que é capaz de auxiliar aos outros. Se me permitem uma analogia simplista, é como colocar a máscara em si mesmo antes de auxiliar aos outros em um avião, se um indivíduo não colocar a máscara em si mesmo primeiro talvez desmaie antes de ajudar aqueles que o acompanham.

Este aperfeiçoamento não é apenas espiritual, embora o aperfeiçoamento espiritual seja um dos mais importantes aspectos, mas também intelectual, físico, dos hábitos e costumes, aperfeiçoamento moral, uma busca constante de melhor compreender os fundamentos da natureza e aplicá-los de modo benéfico e virtuoso.

Os forasteiros retiraram a pedra angular, pedra que compunha uma abóbada, formada pelos vários arcos da civilização, arcos históricos, arcos culturais, arcos do desenvolvimento científico e filosófico, e o que esta abóbada protegia em seu interior? O segredo mais profundo, a muito buscado pelos homens.

O nome inefável, a palavra que representa o divino, o princípio a partir do qual são formuladas as leis da natureza no domínio das quais seguimos o curso de nossas vidas. O segredo protegido pela abóbada trata da disposição de caminhar com o V.E.E.D.O.A., como Adão não foi capaz em Genesis 2 e 3.

Todo o trabalho de construção do templo, tanto do antigo templo quanto do nosso templo interno, é uma tentativa de atingir o máximo de nossas capacidades, uma tentativa de conscientemente tornarmo-nos dignos de caminhar com o V.E.E.D.O.A.

A partir de Genesis 2 e 3, o processo da consciência e moralidade humanas, que estão intimamente ligadas, pode ser visto em etapas:

➤ Antes de comer o fruto Adão caminhava com o V.E.E.D.O.A., mas sem consciência de sua própria bondade, neste caso havia inocência.

➤ Após comer o fruto Adão consciente de seu pecado (sua maldade, poderíamos dizer) foi incapaz de caminhar com o V.E.E.D.O.A., havia culpa.

Inocência de um lado, culpa do outro, qual a terceira etapa? Para o que vamos agora?

Se continuarmos avançando pelo mito de fundação de Israel, que aparece descrito no pentateuco, até chegarmos aos livros históricos, nos quais se ambientam as lendas do terceiro grau e do Arco Real, todo o esforço posterior é uma tentativa de juntar o melhor dos dois lados, eliminar a ignorância da inocência e o mal da culpa, acabar com a culpa do pecado original e concentrar-se em algo mais nobre e virtuoso, ser bom conscientemente, por livre escolha.

Em grande medida, a reconstrução do templo foi um esforço consciente e direcionado para aperfeiçoar os homens que ali se empenhavam, para que cada um pudesse ser bom pela vontade livre, em outras palavras, manifestar seu máximo potencial.

Ao empreenderem este esforço tais homens encontraram a verdade que procuravam, ou que sequer sabiam conscientemente que procuravam, a questão pairava em seu meio, “por que razão não há uma pedra com a marca de Salomão ou de Hiram Rei de Tiro ou de Hiram Abif?”, os forasteiros não se perguntaram isto conscientemente, mas a questão pairava e a busca se dava mesmo assim.

Ao encontrar a verdade que buscavam, a chave que dava acesso à compreensão última da natureza, aqueles forasteiros puderam tornar-se pedras angulares de sua sociedade. Não apenas transformaram a si mesmos, mas com seu trabalho virtuoso e sua busca esforçada e sincera puderam oferecer a todos nós a chave para tornarmo-nos pedras angulares em nossa sociedade.

Fazendo uma pequena digressão, como vimos anteriormente, “chave” é também um outro nome dado à pedra angular, pois ela é a chave para a manutenção do arco, uma vez colocada ela fecha o arco, trava-o no lugar e as estruturas de sustentação podem ser retiradas permitindo que o arco se apresente em toda sua beleza e força. Não por acaso a pedra angular é frequentemente adornada com símbolos de força como o leão e a águia.

De volta aos forasteiros e à construção do segundo templo de Jerusalém, para construir um templo daquela magnitude, não basta ser bom espiritualmente, é preciso aperfeiçoar todos os aspectos da vida de um homem, e isto deve ser feito individualmente, pois como mostra a cerimônia de exaltação, os forasteiros tiveram de mostrar-se dignos, sem afiliação com os covardes ou complacentes, embora se apresentando em conjunto, era preciso que cada um deles atendesse aos critérios mínimos.

De prisioneiros, aqueles homens ergueram-se para se tornar as pedras angulares de sua sociedade, como nós, Maçons do Arco Real, devemos nos tornar, cada um de nós, pelo seu próprio esforço e em favor de si mesmo, as pedras angulares de nossa sociedade.



Por fim, se me permitem extrapolar na alegoria para os três graus do simbolismo, podemos dizer que o aprendiz prepara a pedra bruta, o companheiro ajusta e dá polimento à pedra cúbica, o mestre dirige os trabalhos e orienta a colocação das pedras, por fim, quando as pedras se acumulam para além do que parece ser possível de ser suportado pelas colunas, o Maçom do Arco Real deposita a pedra angular, formando assim o arco estável, forte e belo.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Edward. *Fundamentals of Building Construction*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons. 2009.
- AMBROSE, James. *Building Structures*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc. 2012;
- ARCO REAL. *Ritual do Sagrado Arco Real de Jerusalém*. 2015.
- BÍBLIA. King James Bible. Britannica library. Londres, 1611.
- BÍBLIA. Latim. Vulgata. Editada por A. Colunga e L. Turrado. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1946. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/king-james-bible>
Acesso em: 25/09/2019.
- CHING, Francis D.K. *A Visual Dictionary of Architecture*. New York: John Wiley & Sons, Inc. 1995.
- CRAWLEY, W.J. Chetwode. *Caementaria Hibernica*. Fascículo 1. 1895.
- DENSLOW, Ray e EVERETT, C. Turnbull. *History of Royal Arch Masonry Part One*. Kessinger.
- KOEPF, Hans; BINDING, Günther (Überarbeitung), *Bildwörterbuch der Architektur*, Alfred Kröner Verlag, Stuttgart, 1999.
- HARVEY, Robert J. W. *Royal Arch Masonry in Ireland in the Early 19th Century*, The Lodge of Research No. CC: Transactions for the years 1969 – 1975, Volume XVI.
- Disponível em:
<http://www.royal-arch.irish-freemasonry.org.uk/RAC%20IN%20IREL.%20Volume%20XVI.htm> Acesso em: 25/09/2019.
- SANDBACH, Richard S. E. *Por dentro do Arco Real*. Editora Madras, 2005.
- Tanakh, Sociedade de Publicação Judaica, 1985.



por: Adelino Lourenço Neto

“O que é ser livre? É não termos vergonha de sermos quem somos”

Nietzsche

Maçonaria, através dos seus ensinamentos, desde épocas remotas, tem como escopo dedicar-se ao aprimoramento espiritual e moral do homem, priorizando a Virtude da Justiça, pautando-se no amor fraterno, buscando sempre congregar a compreensão entre os homens, afim de que possa ser estabelecido o laço indissolúvel de uma verdadeira fraternidade, sem distinção de raça, status social ou credo religioso, condição indispensável para a existência da Paz, da Harmonia e da Concórdia entre os povos.

Para que essas premissas tenham valor, o homem precisa ser livre, liberdade essa que o qualifica como um ser que realiza os seus atos na relação indissociável ao progresso da sociedade e na efetivação de um bem comum. Contudo, os atributos do homem livre variaram ao longo do tempo em diferentes regiões e culturas.



Figura 1: Liberdade Guiando o Povo de Eugène Delacroix. A pintura retrata a liberdade na forma alegórica de uma deusa, sinônimo de virtude e eternidade, com traços físicos da mulher do povo.

Diversos pensadores e filósofos dissertaram sobre a liberdade. No mundo antigo, o cidadão era aquele que tinha o direito e a competência para emitir opiniões sobre todos os assuntos da cidade, de ouvir todas as opiniões diferentes e de discutir todas elas para poder decidir e votar, portanto a liberdade era um privilégio de poucos. Sócrates é um bom exemplo da luta pelo direito a manifestação de pensamentos e defesa dos mesmos, a chamada liberdade de expressão, que influenciaria junto com os ideais iluministas (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) para a formação das democracias, tendo um tremendo impacto nas sociedades contemporâneas

e nos sistemas políticos da atualidade. Voltaire ilustra bem a liberdade de expressão e pensamento: “Não concordo com uma palavra do que dizes, mas a defenderei até o último instante seu direito de dizê-la”. Para Descartes, a liberdade é motivada pela decisão do próprio indivíduo, mas, muitas das vezes, essa vontade depende de outros fatores como dinheiro ou bens materiais. Ao nos depararmos com Espinoza, a liberdade possui um elemento de identificação com a natureza do ser diretamente relacionada a uma luta contra a fortuna, as paixões e os maus encontros.

Kant coloca a liberdade como a capacidade que o indivíduo possui de agir, segundo certas regras morais que são outorgadas por nós mesmos.

Diretamente associada à ideia de liberdade, está a noção de responsabilidade, vez que o ato de ser livre implica assumir o conjunto de nossas ações e saber responder pelo desmembramento por eles causado (colhes aquilo que plantas). Nessa linha de raciocínio, Sartre pega esse gancho e propõe: “o homem está condenado a ser livre”, pois somos os únicos responsáveis por nossos atos e escolhas, e mesmo assim, essa liberdade está sujeita às limitações do próprio homem, porém, estas limitações não diminuem a liberdade, pelo contrário, são elas que tornam essa liberdade possível, porque determinam nossas possibilidades de escolha e impõem, na verdade, uma liberdade de eleição da qual não podemos escapar.

Só é livre quem conhece a si mesmo e ao mundo em que vive, pois quanto mais conscientes estamos dos conflitos internos e, ao mesmo tempo, quanto mais maduros estamos para lidar com a pressão dos outros e da sociedade, mais livre seremos. A questão não é não ter limites e restrições, e sim conhecê-los e saber trabalhar dentro deles.

Esse processo de autoconhecimento, de escolha, do julgamento de valores e do livre-arbítrio são conceitos que nos remetem irremediavelmente à consciência, por isto mesmo o homem é considerado homo sapiens sapiens (o ser que sabe que sabe, que possui a consciência de si). Somente o processo integrado e contínuo de conscientização torna possível o relacionamento com o mundo e consigo mesmo e faz do homem um ser dinâmico, um ser que é o todo e a parte simultaneamente nesse processo de evolução.

Assim como a liberdade é um tema latente e necessário para a vida dos homens, a Maçonaria preza pelos bons costumes, instruindo os Maçons não apenas no seu aperfeiçoamento e aprimoramento individual e moral, mas principalmente na forma de sua relação com a sociedade, no sentido de se tornar benéfico a mesma, desenvolvendo qualidades que possibilitem ser úteis à coletividade.

Portanto, a liberdade e os bons costumes possuem um caráter individual e coletivo dentro de nossa Ordem, no qual permitirá que o Maçom busque crescimento, sem as amarradas e cabrestos que limitem a ampliação de seus horizontes, tendo a capacidade de se expressar livremente, dentro dos limites da lei, respondendo pelos excessos que

praticar, fazendo com que honre seus compromissos sem prejuízo de quem quer que seja, tendo consciência de seus deveres familiares, sociais, morais e espirituais, executando-os sempre com seriedade e honradez, buscando sempre se tornar o bom exemplo para sociedade.

Muitas vezes, o conceito de liberdade é confundido pelo homem. Acreditando ser livre, o homem acaba prisioneiro de si mesmo, quando alimenta a ignorância, preconceitos, paixões, os erros ou o excesso de racionalidade ou de emoções e principalmente quando não consegue visualizar e respeitar a liberdade do próximo.

Devemos lembrar que o maçom deve pautar sua vida pelos preceitos dos bons costumes, que é a expressão usada para designar o complexo de regras e princípios impostos pela moral, que traçam as normas de conduta dos indivíduos em suas relações domésticas e sociais, para que estas se articulem seguindo as elevadas finalidades da própria vida humana.

Portanto, o bom maçom, livre e de bons costumes, é aquele que não se envaidece, não alardeia suas qualidades, não faz promessas que não poderá cumprir, porque lhe trará inimizades. Não investe contra a reputação de outro, isto consistiria em trair os sentimentos de fraternidade. Não tem apego aos cargos, porque isto é cultivar a vaidade, sentimento mesquinho, incompatível com a elevação dos sentimentos que o bom maçom almeja cultivar.

O ideal do homem livre e de bons costumes demonstra que a finalidade da maçonaria é dedicar-se ao aperfeiçoamento espiritual e moral da humanidade, pugnando pelos direitos dos homens, justiça e amor fraterno.

O PAPEL DO LIDER DA LOJA

por: Fábio C. de O. Neves



Ao assumir a presidência de uma loja maçônica, o Venerável Mestre e “ovacionado” pelos seus obreiros e por toda uma plêiade de autoridades e convidados especiais que conseguem acompanhar a cerimônia em sua íntegra, mas e o que vem depois?

O objetivo de uma loja ter um Venerável é equivalente a um time de futebol ter o seu capitão. Passar aos demais os conhecimentos e experiências já vivenciadas. Mas precisa ter a habilidade para juntar tantos seres pensantes diferentes e fazê-los unos com o GADU em prol de um trabalho uníssono pelo bem e pelo engrandecimento do homem, rumo a vitória.

Para chegar ao posto máximo da loja, o então eleito, escolhido, espera-se ter experimentado o máximo de cargos dentro da administração da loja, carregando assim consigo uma gama maior de experiências que lhes servirão para fazer a sua gestão chegar com êxito até o final.

Uma vez passada pela cerimônia de instalação o Venerável Mestre precisa ter em mãos seu planejamento estratégico, seu calendário de reuniões ordinárias e as extraordinárias, tudo isto para melhor trabalhar juntamente com seus pares da administração e assim inspirar seus liderados a viverem em harmonia dentro e fora da loja, proporcionando uma vida melhor, cada um dando o melhor de si, lembrando-lhes da sua missão e dos valores que regem a vida maçônica: respeito, amor, compromisso, honestidade, humildade, educação, paciência, bondade e outros.

Vale ressaltar que o Venerável é o elo de ligação entre todos os elementos que constituem a sua Loja e Grão-



Mestrado, seja estadual, seja nacional. Não pode fazer de sua gestão uma simples administração de irmãos, deve sim influencia-los e lidera-los para darem o melhor de si e isto é feito principalmente pelo exemplo.

A maioria dos candidatos ao cargo de Venerável Mestre, tem o desejo sincero de exercer liderança da melhor forma possível. No fundo, as pessoas anseiam por uma vida significativa e satisfatória e, por isso, procuram por alguma coisa especial que faça aflorar o que eles têm de melhor. De preferência, buscam uma harmonia entre seus valores pessoais e os valores da Instituição. Uma coisa é certa: os irmãos querem fazer parte de algo especial, de uma Loja da qual possam se orgulhar, e ao término dos trabalhos que todos fiquem felizes porque se sentem fazendo a coisa certa, saindo todos satisfeitos e em mente com a máxima: com o salário pago.



Liderar, está longe de ser ordenar ou mandar, significa conquistar, os irmãos e envolvê-los de forma que coloquem o coração, mente, espírito, criatividade e excelência à disposição da Loja e da Ordem. É preciso fazer com que haja o máximo empenho na missão, dando tudo pelo conjunto.

Para essa liderança temos visto que não é preciso ser o Venerável da loja, as vezes um mestre mais antigo, ou até mesmo um ex-Venerável assume naturalmente esse papel. Nesse caso o Venerável empossado deve ter inteligência para se apoiar nesse referencial, aprendendo com este líder e fazer de seu exemplo o Norte para os demais.

O que define a palavra liderança é a capacidade de influenciar. Na verdade, na Loja todos são líderes, assumindo cada um a responsabilidade pessoal pelo sucesso da Oficina.

Os irmãos mais humildes consideram sua liderança uma enorme responsabilidade e levam muito a sério a posição de confiança e os irmãos a ele confiados. O Venerável sabe que os Irmãos vão cometer erros – muitas vezes, vão decepcioná-lo, vão magoá-lo, não se esforçarão como ele acha que deveriam e alguns não reagirão aos seus esforços. Por isso, aceitam as limitações nos outros e tem uma enorme capacidade de tolerar a imperfeição.

Seguro de suas forças e limitações, o Venerável humilde está consciente de que só com a ajuda de todos será capaz de manter as coisas em sua devida perspectiva.

Os menos humildes, não devem ficar ressentidos com as coisas que machucam e desapontam, devem lembrar que qualquer um pode liderar pessoas perfeitas – se é que elas existem – mas o que não devem esquecer jamais, os que optam por liderar, é que devem servir.

Não se pode esperar também que administrar uma loja maçônica, composta de irmãos que busquem os valores da ordem, seja um mar de alegrias, afinal de contas quando duas ou mais pessoas se reúnem para um só propósito e objetivo sempre haverá conflitos, não físicos – espero – mas discordâncias quanto a caminhos e métodos a serem seguidos. O interessante é usar da inteligência para agregar as diferenças e colocar todos juntos no caminho que melhor agrade a todos – ou quase todos – para isso o líder deve ter experiência com gestão de pessoas.

Numa loja maçônica não há espaços para picuinhas e grupinhos, para a formação de “panelinhas” cujos membros que no geral não tem moral de fazer a coisa certa em momentos de conflitos e controvérsias, preferem a crítica destrutiva do que a busca pelo elo comum. Estes já nem se percebem, mas não deveriam mais nem estar numa loja maçônica.

Ficam aqui algumas sugestões de como avançar na liderança maçônica. Fornecer aos Irmãos da Loja uma rotina de comunicação ou interlocução, versando sobre como desfrutar de uma experiência de qualidade de ser um membro da Ordem e como os indivíduos podem participar como membros valiosos de uma Loja. Planejamento com a definição de prioridades definidas em conjunto, uma vez que a “esperança” não é uma estratégia eficaz, sabemos o quanto isto é importante e os melhores resultados aparecem quando definem-se prioridades chave, não queiram mudar a Ordem do dia para a noite, as vezes menos é mais. Acompanhar todas as etapas, estar presente, comemorar os resultados e celebrar o sucesso de cada pequeno progresso, reavaliar cada ponto em dificuldade, sem pressão, partilhando os agradecimentos que são a principal forma de pagar o salário aos Obreiros, tudo isto ajuda na união do grupo. Promover a melhoria contínua e uma cultura de aprendizagem, sabemos que quem não aprende não ensinará corretamente e isto levará a loja a uma derrocada sem volta, o desenvolvimento pessoal e o ensino são elementos vitais de uma Loja vibrante e ativa.

Se nossos Líderes Maçônicos seguirem essas dicas de sucesso, que são simples, mas não são fáceis, chegaremos a patamares mais elevados.

O que mais vale a um grande líder é a manutenção e aprimoramento da união, o compromisso em busca de alcançar os objetivos traçados, inicialmente, pelo Venerável Mestre, em prol dos irmãos, da loja, da ordem como um todo. Se não assim, o que fazemos por aqui?



Por fim, antes de empossar seu sucessor, o Venerável Mestre, o líder da loja, deve ter ensinado, pesquisado, conversado, trazido novas ideias para as pautas das ordens dos dias, mas principalmente revelado, em todos os momentos e ocasiões, o extremo dinamismo e amor à Ordem, que devem caracterizar aqueles que, um dia, tiveram a honra de ocupar o Trono de Salomão. Certo é que todos deixam sua marca – a única questão é o tipo de marca que cada um quer deixar, existe várias, de todos os tipos, qual será a sua meu caro leitor?



“Se você quer algo novo, você precisa parar de fazer algo velho”.

Peter Drucker

DRAGÃO E A LANÇA - Elementos Iniciáticos no Aperfeiçoamento Humano

por: Emanuel Tadeu Machado

Dragões.

Eles são belos elementos que permeiam o caminho iniciático desde tempos imemoriais. Para alguns, no entanto, também simbolizam aquele guardião de uma passagem ou caverna para um submundo de desafios demoníacos, ou de tesouros desconhecidos, que deve ser subjugado ou superado. Tais tesouros são relacionados normalmente a elementos dourados ou joias reluzentes. Mas todos de alguma forma simbolizam a imortalidade.

Um dragão lembra uma serpente, e segundo o salmista remete também à imagem da vitória de Cristo sobre o mal. Em algumas iconografias, o Cristo, inclusive, é representado, tal como São Jorge ou São Miguel, calcando os pés sobre a serpente ou o dragão. No oriente o dragão também é relacionado ao mal, e o herói vencedor sobre a besta subjuga a ignorância e a obscuridade.

Apesar da indicação negativa da figura, ele é um símbolo ambivalente, podendo também expressar a luta entre as dualidades, que culmina no equilíbrio entre os opostos. Por exemplo, as serpentes que se entrelaçam no caduceu de mercúrio, indicam a neutralização do enxofre e do mercúrio alquímicos, os dois princípios contrários, que se harmonizam no *oroboros*, a natureza primordial, simbolizada pela serpente que morde a própria cauda. Para os orientais o dragão é um ser divino, pois consegue transitar entre os quatro mundos materiais, subjugando-os e avançando ao mundo celestial. Inclusive, na tradição oriental cada elemento – terra, água, ar e fogo – é representado por um dragão guardião, sendo cada um deles, uma faceta do poder divino ou espiritual.

Segundo o I Ching, o dragão, representado pelo hexagrama *k'ien*, possui a capacidade de transmutar a matéria por meio do ato de cuspir fogo, representativo do ovo do mundo ou verbo criador que fertiliza a terra. Nesse contexto, o dragão se identifica com Agni, deus do fogo hindu. O herói que mata ou subjuga o dragão, é aquele capaz de subjugar essa energia divina, a qual ele passa a identificar consigo mesmo. O dragão passa então a ser a montaria dos imortais, aqueles que superam os mundos inferiores e vivem na eternidade do espírito.

Para a interpretação astronômica, verificamos que a constelação do dragão se eleva no céu no equinócio da primavera (hemisfério sul) e tem seu ocaso no equinócio do outono. Outra particularidade astronômica nos indica que a cabeça e a cauda do dragão são os chamados “*nós da Lua*”, que são os pontos onde se dão os eclipses, ou locais em que as trajetórias do Sol e da Lua se cruzam. Segue essa relação astronômica da constelação do dragão com a Lua a origem do demônio devorador que deve ser aplacado ou expulso durante

os eclipses. Tal figuração é recorrente em credences populares.

A ciência alquímica trata o dragão como o símbolo do mercúrio filosófico. Dois dragões em combate se relacionam às matérias opostas da Grande Obra, que são densas e voláteis ao mesmo tempo. Quando se condensam ou harmonizam, estas matérias transmutam-se no enxofre filosófico, o qual abre as portas da imortalidade.

A besta devoradora remete ao mito de Jonas e da baleia, sendo esta última associada ao dragão das águas oriental. O herói no ventre da besta é transmutado e depois, liberto, apresenta-se transfigurado e merecedor da eterna juventude. Neste contexto a juventude se relaciona à eternidade. Sobre o tema, C.G. Jung escreve que “*o mito familiar de Jonas e da baleia, em que o herói é engolido por um monstro marinho que o arrasta para o mar alto, à noite, de oeste para leste, simboliza a marcha suposta do sol, do crepúsculo da tarde até a alvorada.*”. Podemos aqui relacionar este trânsito a importantes simbolismos ritualísticos maçônicos.

J. L. Henderson também escreve que

“o herói afunda-se nas trevas, que representam uma espécie de morte. A luta entre o herói e o dragão deixa transparecer o tema arquetípico do triunfo do ego sobre as tendências. Na maioria das pessoas o lado tenebroso, negativo, da personalidade permanece inconsciente. O herói, ao contrário, deve dar-se conta de que a sombra existe e que ele pode tirar forças dela. Tem de compor-se com as potências destrutivas se quiser tornar-se suficientemente forte para medir-se com o dragão e vencê-lo. Em outras palavras, o ego só pode triunfar depois de ter dominado e assimilado a sombra.”

Para Goethe, ao aceitar o desafio de Mefistofeles, Fausto está aceitando esta demanda imposta pela vida, normalmente proveniente do inconsciente representado no submundo tenebroso onde habitam as trevas desconhecidas. Ao aceitar este desafio ele transcende, ao final da aventura, aos horizontes da salvação redentora.

O dragão, em certa medida, se identifica com a figura da princesa encantada que habita indefesa no fundo da caverna. São dois lados do mesmo elemento. Ela deseja nos ver belos e bravos e torce pela vitória do herói, aguardando esperançosa que o herói triunfe sobre as turbulentas forças inertes representadas pela fera. Assim, a desordem ou caos torce para que haja triunfo e harmonia, pois elas existem para ser aplacadas e desejam servir ao seu senhor.

Ao confrontar o dragão o herói faz uso da lança como arma. Ela simboliza a vontade celestial, o pilar ou eixo em torno do qual gira o mundo. Ao meio-dia a lança não emite sombra e identifica-se com o raio solar, o pilar que simboliza a ação da essência superior sobre a terra ou substância inerte,



que deverá ser fecundada pela atividade celeste. Esta forma de ação se relaciona a atividade fálica de fecundação.

A lança é um importante fator complementar ao simbolismo do dragão, eis que o herói faz uso dela como instrumento de ação contundente da expressão de sua vontade fecundante e harmonizante sobre as forças ctônicas e primitivas, que deverão ser transmutadas para o triunfo do espírito sobre a matéria. Aqui ela se assemelha a agudeza do cinzel, a ação incisiva e mental, permeada pela sabedoria, agindo sobre a pedra a ser talhada, mas que deve ser mediada pelo correto discernimento e força adequada do malho.

O dragão reúne em si os quatro elementos, as forças primordiais materiais que constituem a forma manifestada. A manifestação se dá não apenas no plano concreto, como também na composição sutil que se relacionam a cada elemento. O dragão, a serpente, rasteja pela terra, pelos elementos densos da matéria presentes na substância corporal dos seres. Além disso, o dragão possui longa cauda que facilita o seu deslocamento pela água, que é representativa da substância energética que movimenta e anima a vida corpórea. Em suas representações iconográficas normalmente lhe são atribuídas asas, para transitar através do elemento ar, representativo da substância astral que anima a natureza emocional dos seres. Por fim a fera tem a faculdade de combater o herói com uso do fogo projetado de suas entranhas. O fogo é o elemento de ação da mente ou da razão, porém quando não mediada pelo discernimento, se torna um elemento inerte que a tudo consome ou destrói e não transmuta.

Assim, o homem desperto, que tenciona vencer o dragão, é o arquétipo daquele que segue na busca pela iluminação; aquele que em verdade estará na jornada de vencer a si mesmo, de harmonizar as forças desordenadas que habitam em seu próprio interior.

Vencer a fera é subjugar os elementos que habitam no plano manifestado. Digo subjugar e não destruir, pois eles são importantes fatores que auxiliam na jornada de auto aprendizado. Assim, o elemento terra do qual falamos, se relaciona a nossa capacidade de resistência e fortaleza ante os desafios do mundo. O ser forte e equilibrado é aquele que sabe resistir sem se queixar perante os desafios. É aquele que faz uso da fortaleza do malho e da agudeza do cinzel nas lutas diárias, reunindo a fortaleza equilibrada na ação. Desafiando a inércia o ser vence.

A água tem como característica a fluidez, o movimento a ação, lembrando que devemos aprender a agir. Mas a agir com discernimento e perseverança, concentrando a ação no dever correto, permeado pela ética atemporal, que anima as decisões dos notáveis. A ação é relacionada à natureza espiritual intrínseca, da qual somos partícipes. A harmonia da água é muito bem representada pela ação altruísta realizada sem esperar nada em troca, com o uso do coração. Desafiando o egoísmo o ser vence.

Acerca do elemento ar, ele se relaciona ao equilíbrio das emoções, e a sublimação desse elemento se expressa em nossa capacidade de amar. Mas para amar algo é necessário querer o Bem na figura amada. Não a posse, mas uma sagrada devoção. Então se você ama a Sabedoria, você é um guardião da verdade e dos princípios atemporais que dirigem a natureza. Se você ama a seus entes queridos você torce pelo aperfeiçoamento deles, e auxilia em seus processos, aprendendo a ver o de melhor e mais elevado que existe neles. Se você ama o seu Templo ou sua Loja, você trabalha sem esperar louros ou cargos, ou reconhecimentos, mas para que a Glória do Grande Arquiteto do Universo habite em você mesmo, por intermédio do silencioso regozijo sobre o dever cumprido. Desafiando as emoções desequilibradas o ser vence.

E o que deve ser feito para dominar o fogo? Está em querer aperfeiçoar a sabedoria em si. Saber é poder, em ter o poder de controlar retamente a sua vida, e para tanto a agudeza do fogo mental deve ser temperado por princípios atemporais que ensinam acerca do discernimento. É como o simbolismo do machado de dois gumes, que possui um dos fios voltados para a frente daquele que o usa, justamente para tencionar cortar a ignorância, as debilidades, o vício, e tudo aquilo que obnubila o reto discernir e nos impede de ver as verdades das coisas. Feito isso, o ser humano pode tencionar melhorar o mundo. Desafiando a ignorância o ser vence.

O mundo tem que se beneficiar daqueles que estão em luta contra o dragão interno. O herói não pode ficar recluso em seu castelo, e se do alto de sua torre contempla e observa toda a sujeira do mundo, tem por dever, para consigo e com os demais, atuar para deixá-lo melhor do o encontrou, antes de partir rumo ao Oriente Eterno.



SIMBOLISMO ADONHIRAMITA DA ESCADA DE JACÓ

por: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

O conhecimento é a principal ferramenta para evolução humana, os símbolos representam elementos educativos que ajudam a sociedade nesse processo, simplificando a linguagem desmistificando ou não a mensagem. O símbolo é um objeto físico que possibilita ao indivíduo a percepção da realidade de forma mais fácil, é uma ferramenta do pensamento e em alguns casos com significação moral. Para Blummer (1969), o símbolo é como qualquer coisa que pode ser indicada, qualquer coisa que pode ser apontada ou referida: um livro, uma legislatura, um profissional de qualquer área, uma doutrina religiosa, uma doutrina filosófica, um artefato, um fantasma e assim por diante e podem ser de três tipos: físicos (coisas), sociais (pessoas) e abstratos (ideias).

O Rito Adonhiramita, no grau de Companheiro, utiliza a simbologia da escada de Jacó como elemento educativo. De acordo com a bíblia sagrada, “Jacó tem um sonho, onde percebe uma escada posta da terra e seu topo tocava no céu: e eis que anjos de Deus subiam e desciam por ela. Jacó interpretou que Jeová está neste lugar e que este lugar é a casa de Deus e este é o seu portão de entrada” Genesis 10,11,12,17,18. Qual o significado desta alegoria para este rito maçônico?

Segundo Ramires (2011), a escada de Jacó entrou para o simbolismo maçônico no transcurso do século XVIII, diversos autores não são unânimes quanto à precisão de data e ano que tenha aparecido nos primeiros painéis de graus pintados, desde então, a alegoria bíblica ganhou importância fundamental nos ritos maçônicos, representando o progresso dos obreiros na ordem, recebendo assim aumento de salário, a escada representa a difícil jornada em busca da perfeição, do desenvolvimento espiritual, escalada ascensional na sublime ordem e na vida sem necessariamente ter um fim.

A escada apresentada no ritual do grau de Companheiro Maçom apresenta os três primeiros degraus contendo as joias das três luzes da Loja: prumo, nível e esquadro, que simbolicamente darão início aos ensinamentos do Obreiro, na prática qualquer mestre pode instruir.

Os cinco degraus seguintes estão relacionados aos cinco sentidos do ser humano, audição, visão, olfato, paladar e tato, os quais ajudam a perceber a realidade, ou seja, esta é fruto do olhar que se lança para vida, dependente do ponto de vista individual. Os órgãos dos sentidos são utilizados para percebermos a realidade, as imagens, sons, cheiros, tato, são estruturadas por nossos sentidos junto com as informações armazenadas no cérebro. Tudo depende exclusivamente de nossas qualidades internas, a visão do ambiente é subjetiva, geradora de diferentes emoções.

Percebe-se também cinco colunas que representam aprimoramento arquitetônico, intelectual e moral

de certas civilizações que simbolicamente induzem e estimulam o companheiro maçom a evolução intelectual e moral. As colunas representam o sustentáculo de uma construção, simbolicamente, sustentáculo humano.

As colunas estão assim distribuídas: 1ª Ordem Coríntia, simboliza a beleza, aperfeiçoamento das faculdades intelectuais e morais, onde emanam o amor e a fé.

2ª Ordem Dórica, simboliza a força, aperfeiçoamento através da ciência, nas artes e nas profissões liberais.

3ª Ordem Jônica, simboliza a sabedoria, firmeza da alma e a coragem para um julgamento reto, auto confiança.

4ª Ordem Compósita, simboliza retidão de ações e equidade no trato de seus semelhantes, prática da humildade.

5ª Ordem toscana, simboliza inteligência, estágios evolutivos constantes, plano físico e espiritual, busca da verdade.

Os degraus seguintes representam as sete ciências e artes do mundo antigo, também conhecidas como Artes liberais, que segundo a definição de Aristóteles, arte é a capacidade de produzir com o raciocínio reto ou uma disposição suscetível de criação acompanhada de razão verdadeira. Liberal significa homens livres para aprender o que desejam através de uma plena e total dedicação ao estudo e investigação, através da lógica, gramática e retórica, conhecidas como Trivium; aritmética, música, geometria e astronomia, conhecidas como Quatrivium.

De acordo com a autora, Irmã Miriam Joseph (2008), as sete artes estão vinculadas aos conhecimentos tradicionais, apresentam grandes simetrias com outros aspectos da estrutura da realidade, permitindo, por exemplo, analogia com o sentido simbólico dos planetas, relacionando a retórica com vênus; gramática com lua; a lógica com mercúrio; a aritmética com o sol; a música com marte; a geometria com júpiter e a astronomia com saturno.

O Trivium e o Quatrivium fazem parte do que se denomina cultura clássica, educação clássica, aquela que prepara o aluno para poder debater os conteúdos dos grandes autores utilizando habilidades adquiridas através da gramática, coerência e lógica, tendo como objetivo primordial, o início a uma vida de aprendizagem. A educação ocorre por meio da comunicação, ou seja, pelo encontro de duas ou mais mentes que possuem algo em comum.

Então, volta-se a pergunta motivadora desse estudo: Qual o significado desta alegoria para este rito maçônico?

De acordo com o nosso entendimento, a subida nos degraus representa a evolução do homem baseada no conhecimento, percepção da vida através de conquistas pautadas em uma escada simbólica, indicando que o companheiro começou seu aperfeiçoamento moral. A escada de Jacó é o veículo para o homem acender a um plano superior, sendo assim, os companheiros são instruídos para as artes e ciências liberais, para o conhecimento esotérico.



Portanto, a ordem educa e instrui pessoas para que elas controlem suas vidas de modo responsável, seus pilares são conhecimento e tradição como sociedade iniciática, a ordem atua como jornada em que há contínuo empenho na potencialização das qualidades humanas. As pessoas que querem realmente aprender alguma coisa, estudar por estudar, usar melhor a mente e entender melhor a vida, o que diferencia educar de ensinar.

No símbolo prevalece sempre a ideia, interpretação e o significado, o entendimento sobre este é primordial, para chegar a percepção do esoterismo.

O conhecimento é necessário e deve vir associado as ações de solidariedade, fraternidade, tolerância, amor, contribuindo com o aperfeiçoamento da qualidade do Companheiro, gosto pelo aprimoramento intelectual, regime de estudo livre. O aprimoramento moral perpassa pelo autoconhecimento, este vem do esforço pessoal, a escada representa o caminho que aproxima ao GADU.

REFERÊNCIAS

- JOSEPH, Miriam. **O trivium**. As artes liberais da lógica, gramática e retórica. 2008, ed. É realizações.
- RAMIRES, Ruy Luis. **A importância da escada de jacó no simbolismo adonhiramita**. Texto 2011.
- GOB. **Ritual do companheiro maçom**. Rito adonhiramita. São Paulo, 2009.
- BLUMER, H. **Symbolic Interactionism**. Perspective and Method. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1969



IN15IDE
ANOS

Consultoria científica

SEGREDO E REPRESSÃO

Por David Harrison
Tradução Luiz Carlos de Mello

Os últimos anos do século dezoito estiveram envoltos num clima de temor, com o governo Tory¹ de William Pitt (O Jovem²), sofrendo de inquietação por conta de revoluções, rebeliões e tumultos. A Revolução Francesa de 1789, seu subsequente Terror Sanguinário e o surgimento de Napoleão espalharam uma sombra de temor sobre a Grã-Bretanha. A isto se mesclou a rebelião na Irlanda de 1789 e os frequentes tumultos e protestos das classes trabalhadoras, com grupos de trabalhadores industriais que se uniam para formar, aparentemente, “associações comerciais” cada vez mais agressivas.

Associações radicais tais como os “Irlandeses Unidos” e a “Sociedade Londrina de Correspondentes” foram chamadas de extremistas e traidoras.

As alarmantes reuniões secretas de homens que prestavam compromisso³ para solidificar sua união, induziram a criação de uma poderosa imagem de espectro fantasmagórico sobre o Jacobinismo, e a Franco-maçonaria, tanto a dos “Antigos” como a dos “Modernos”, foi associada com estas sociedades nas mentes nervosas do governo.

Quando o Ato sobre as Sociedades Ilegais foi passado em julho de 1799, a Franco-maçonaria foi inevitavelmente atingida, o Ofício teve de adaptar-se ao que muitos chamaram de legislação opressiva. Pela proposta original, a Lei baniria completamente a Franco-maçonaria juntamente com outras sociedades secretas, porém o Conde de Moira e outros líderes Francos-maçons, “Modernos”, “Antigos” e da Grande Loja Escocesa encorajaram Pitt a emendá-la dispensando as lojas Maçônicas “através de uma autorização específica conferida por uma Grande Loja e sob sua direta supervisão”.

Isto, no entanto, destruiria as lojas escocesas não anexadas tal como a Lodge Kilwinning⁴, que, mais tarde foi auxiliada por William Fullerton Ministro da Paz Escocesa que conhecia Pitt, e obteve mais uma alteração em favor desta loja. A Lei em sua forma final estabeleceu que estariam dispensadas de suas condições “todas as Lojas que declarassem sob juramento diante do Ministro da Paz, que eram Lojas de Francos-maçons”.

A Franco-maçonaria, portanto, conseguiu escapar do Ato ao concordar em enviar anualmente listas com os nomes de seus membros e das reuniões das lojas⁵, as quais poderiam ser inspecionadas pelas autoridades.

A Maçonaria tinha um elemento de transparência, mas e os Francos-maçons em geral, sentiam-se confortáveis com esta nova declaração? E como o público em geral se sentia em relação à Franco-maçonaria em meio a esta atmosfera de inquietude política?

As respostas a estas questões podem ser encontradas no nível local, onde as lojas mostraram sinais de mudança e transição, especialmente no coração industrial da Inglaterra.

NÍVEL LOCAL

Por exemplo, dentre os “Modernos” a Lodge of Lights⁶, localizada no centro industrial de Warrington no noroeste da Inglaterra, menciona em suas atas de agosto de 1799, que, de acordo com o recente Ato, ela deveria para o futuro enviar uma lista de seus membros a cada mês de Março. A Loja submeteu-se, além disto, a uma transição, refletida pelas profissões de seus novos membros.

Ela foi sendo preenchida com mais membros da classe trabalhadora, suas listas de membros estavam repletas de um saudável mix de tecelões, trabalhadores em prata, pintores de parede, rebocadores de parede e cortadores de linho, ocupações muito raras no meio Franco-maçônico antes de 1799.

Estes trabalhadores surgiram para preencher o vazio deixado pela grande percentagem de cavalheiros e profissionais da alta sociedade, os quais se afastaram da loja durante este delicado período.

As atas da loja também refletem esta preocupação durante as primeiras décadas do século dezenove e foram feitos esforços para recuperar os membros da alta sociedade local. Por exemplo, em janeiro de 1800, o Secretário da loja escreveu, “Eu creio haver uma esperança de a Loja vir a ser mais uma vez respeitável, já que diversos Cavalheiros têm expressado seu desejo de se tornarem membros”.

Dois proeminentes cavalheiros, James e Charles Turner, se filiaram em outubro daquele ano, James era um Tenente na Guarda Nacional em Lancashire, Charles era um fabricante de algodão, trazendo assim, a esperança de que as suspeitas que recaiam sobre a natureza da loja poderiam já estar dissipadas.

SUSPEITAS SOBRE A FRANCO-MAÇONARIA

Estas suspeitas eram muito reais em Warrington nesta época, por exemplo, em 1802, durante o funeral do Irmão John Johson, as atas registram “Ficou claro que a demonstração removeu de grande parte dos observadores⁷ e do público, aqueles preconceitos que há muito prevalecem contra a Ordem especialmente neste lugar”. A despeito desta tentativa de conquistar corações e mentes, a população local ainda possuía suspeitas sobre a loja, e o notável nível de baixo comparecimento nesta época é indiscutível.

Em 1806, a média de comparecimento em loja era de apenas seis dos nove membros, e em 1808, o quadro foi reduzido para sete.

Em janeiro e fevereiro de 1809, apenas quatro dos membros estavam presentes, e em março, o desesperador número de três. A Lodge of Lights entrou em um período de adormecimento depois do Ato das Sociedades Ilegais, e levou décadas para se recuperar.

Outra loja que sofreu com a baixa frequência durante este período foi a Lodge of Friendship⁸ localizada em Oldham, que, assim como a Lodge of Lights, era uma loja dos “Modernos”, e teve um notável influxo de trabalhadores se filiando, novamente substituindo os cavalheiros que haviam se distanciado.

Mais evidências de trabalhadores se filiando à Franco-maçonaria também surgem numa loja em Nantwich, que tinha o mais leal dos nomes, King’s Friends Lodge⁹. A loja foi fundada em Chester em 1793, e em 1808, observam-se nas atas, que grande maioria dos irmãos da loja era constituída da classe trabalhadora, membros com ocupações tais como, chaveiros, forrageiros, trançadores de corda, esfoladores e coureiros.

REUTILIZANDO NÚMEROS DE LOJAS EXISTENTES

Certamente em alguns centros industriais durante os delicados anos após o Ato das Sociedades Ilegais, os cavalheiros locais se afastaram, e na sua ausência os trabalhadores preencheram as lojas.

De fato, os anos seguintes imediatos ao Ato viram poucas lojas sendo fundadas pelos “Modernos”, e os “Antigos” preferiram, reutilizar os números de lojas pré-existentes que haviam morrido, do que emitir novas cartas-patentes.

Este foi o resultado de os “Antigos” terem imposto medidas emergenciais sobre si mesmos depois de sua reunião com Pitt, onde ficou estabelecido que eles passariam a “suprimir e suspender todas as reuniões maçônicas, exceto as das lojas regularmente já estabelecidas”, uma declaração que assegurou que apenas as lojas existentes ao tempo da Lei continuariam a operar, com a Grande Loja¹⁰ recusando a emissão de novas cartas-patentes. Os “Antigos” podem ter feito isto em virtude de seu relacionamento muito estreito com a Franco-maçonaria da Irlanda, ou talvez por força do grande número de lojas sob sua jurisdição no noroeste industrial da Inglaterra.

Como a Franco-maçonaria se adaptou em resposta à ameaça do Ato das Sociedades Ilegais, ela sobreviveu e eventualmente tornou-se forte. O político radical, Richard Carlile, ao escrever seu Manual sobre Franco-maçonaria, disse sobre esta Lei que: “a câmara deveria se concentrar em negociar com outras sociedades secretas, mas deveria fazê-lo bem feito agora, para não repetir a exceção feita para a Maçonaria”; Carlile acreditava que o Ofício havia escapado de um possível período de perseguição.

A sobrevivência da Franco-maçonaria é o testemunho do quanto uma reação impensada da parte dos políticos pode ser falha e injusta.

O Marquês de La Fayette, o revolucionário Franco-maçom, ao comemorar a queda da Bastilha, disse certa vez: “Possa este grande monumento, erguido à Liberdade, servir como uma lição ao opressor, e um exemplo ao oprimido”, uma citação que poderia facilmente se referir a Franco-maçonaria, a qual, não fosse por uma vigorosa negociação política e adaptabilidade, poderia não ter sobrevivido à repressiva ação política de 1799.

1 NT: — “Tory” é o nome de um partido político fortemente conservador surgido na Grã-Bretanha na segunda metade do século XVII, formado pela aristocracia. De 1775 até quase 1850 o primeiro ministro Britânico foi um membro do partido Tory.

2 NT: — William Pitt (O Jovem) nasceu em 1759, filho de William Pitt (O Velho), que foi o primeiro conde de Chatham e primeiro-ministro britânico de 1766 a 1768.

3 NT: — No Brasil convencionou-se traduzir a palavra “*Obligation*” por “*Juramento*”. Ocorre, porém que a tradução correta para “*Obligation*” é “*Compromisso*” enquanto que “*Juramento*” em Inglês é “*Oath*” ou “*Swear*” e não “*Obligation*”.

4 NT: — A “Lodge Kilwinning” é tida como a loja original dos Francos maçons na Escócia, e quando as lojas foram renumeradas ela foi mantida como a Loja Número “0”, a “Loja Mãe da Escócia”. Sua origem é incerta, mas é conhecida como a mais antiga loja da Escócia. Segundo a lenda descrita nas suas atas: maçons vindos da Itália para construir a Abadia de Kilwinning no século 12, e que possuíam certos privilégios e imunidades, fundaram “a primeira Loja Operativa da Escócia regularmente constituída”.

5 NT: — Esta Lei, foi revogada em meados da década de 1960, vigorando portanto, por mais de 160 anos.

6 NT: — Loja Luzes.

7 NT: — Referência aos observadores do governo, que deveriam inspecionar as atividades da loja.

8 NT: — Loja Amizade

9 NT: — Loja Amigos do Rei

10 NT: — Aqui, “Grande Loja” é uma referência a Grande Loja “dos Antigos”, fundada em Londres em 1752.

A ARCA — O TRONO DO DEUS ETERNO

por: Fábio C. de O. Neves

Apesar da arca ter várias funções, a mais importante delas era servir como trono do Deus de Israel. Era por entre os querubins que Deus falava com Moisés e fazia conhecidos seus mandamentos e através dos quais reinava sobre Seu povo. Além disso, como um local seguro que abrigava a lei de Deus, a arca era parte fundamental do trono de Deus. O mesmo é verdadeiro para o propiciatório. A arca contendo a lei de Deus pode ser considerada como a base do trono de Deus, base essa completamente justa para Seu governo. Mas, uma vez que um povo pecador não tinha condições de satisfazer as justas exigências de Deus, outra base era necessária sobre a qual Deus pudesse demonstrar Sua graça para com eles. Essa outra base era suprida pelo propiciatório, o qual era aspergido com sangue todos os anos como expiação pelos pecados do povo.

Essa era a base sobre a qual Deus podia, vez após vez, demonstrar Sua graça para um povo pecador. Salmos 89:14 faz ecoar com força esses dois elementos da soberania de Deus: Sua justiça, bem como Sua graça:

“Justiça e juízo são a base do teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto.”

Dessa maneira, a soberania de Deus no meio de Seu povo Israel, tinha um duplo caráter: ela era uma combinação tanto da lei quanto da graça. Veja por exemplo Êxodo 34:6-7, onde as palavras aparecem na seguinte sequência: misericordioso e piedoso, tardio em irar-se, grande em beneficência e verdade.

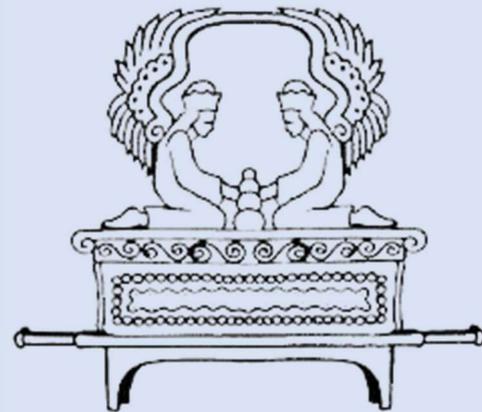
Note como misericordioso e piedoso antecedem o restante. Não fosse por essa combinação, o povo que no Sinai tinha formalmente se submetido à lei de Deus, não poderia ter sobrevivido, nem Deus poderia ter continuado habitando no meio deles.

Além da arca em si mesma e do propiciatório, os *querubins* também tinham um papel importante no trono de Deus. Deus habitava “entre” ou talvez seja melhor dizermos: “nos” querubins. A visão que Ezequiel teve do trono de Deus parece favorecer essa última ideia. Ele vê os querubins transportando o trono (Ezequiel 1 e 10). Eles estão sujeitos a autoridade de Deus e cuidam de executar Sua soberana vontade. Pode ser argumentado a favor do primeiro entendimento que Deus também é geralmente visto como o SENHOR dos exércitos, que está rodeado por Seus anjos poderosos, que são Seus servos prontos a cumprir Suas palavras. O problema de interpretação nesse caso surge porque, às vezes, o texto hebraico deixa de fora a preposição

e assim, os tradutores precisam escolher entre as preposições “entre ou acima” (“acima” na RA em Sl 80:1; 99:1). Entretanto, outras passagens das

Escrituras afirmam expressamente que Deus falou com Moisés por “entre” os querubins (Êx 25:22; Nm 7:89 e 1 Sm 4:4). Em qualquer um dos casos é bastante evidente que os querubins estão vinculados com a presença de Deus de um modo muito especial (seja como Seus companheiros, ou como Seus transportadores).

É extraordinário o fato que os querubins e o propiciatório formavam uma única peça, e que as faces dos querubins estavam voltadas em direção a esse último. A soberania de Deus é graciosa, e está baseada em Sua obra de redenção. O jardim do Éden estava guardado por querubins e uma espada flamejante com objetivo de impedir o homem caído de entrar, outra vez, no Éden (Gn 3:24). Mas os querubins localizados nas duas extremidades do trono de Deus não podem impedir o homem de se aproximar do SENHOR, pois eles estão olhando para o propiciatório aspergido com sangue. Eles teriam imensa alegria se pudessem olhar para dentro do propósito divino da salvação (cf. 1Pe 1:12).

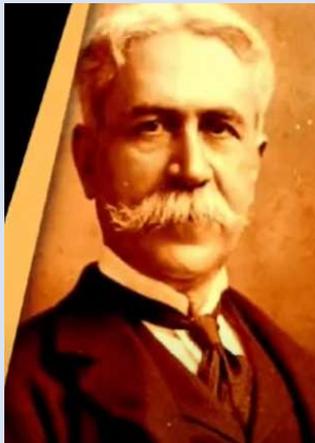


Globalmag
EQUIPAMENTOS

MEU NOME HISTÓRICO: JOAQUIM NABUCO

Por: José Alves Silva Filho

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, o irmão Joaquim Nabuco, nasceu na cidade do Recife em 19 de agosto de 1849, era filho de José Tomás de Araújo Filho e de Ana Benigna de Sá Barreto Nabuco de Araújo. Foi escritor, historiador, orador, jornalista, jurista, abolicionista, diplomata, político e maçom brasileiro. Formado pela faculdade de direito do Recife, foi um dos fundadores e membro da academia brasileira de letras ocupando a cadeira de número 27 daquela instituição.



Por sua paixão literária, como intelectual, jornalista, escritor e abolicionista, escreveu vários livros e entre suas obras literárias nós podemos citar:

- O Abolicionista – 1894
- Campanha Abolicionista – 1895
- Camões e os Lusíadas – 1892
- Escravos – 1896
- O Estadista do Império – 1898
- Minha Formação – 1900

Joaquim Nabuco como abolicionista e contrário a pena de morte atraiu a antipatia de fazendeiros, dificultando assim a sua carreira política e no decorrer de suas ligações e envolvimento com assuntos escravocratas da época, foi criada a instituição Sociedade Brasileira Centro de Escravidão, uma das primeiras instituições brasileiras destinadas a liberação dos escravos, fundada sobre a influência da maçonaria, mas teria nascido sob sua concepção em 9 de julho de 1880. Esta sociedade foi organizada na forma de sinais, códigos secretos, para que seus componentes pudessem agir fora da lei e não correr o risco de serem conhecidos e posteriormente punidos. E para a defesa de suas ideias foi a Roma pedir ao Papa Leão XIII apoio ao movimento abolicionista brasileiro, dessa forma

encontrou lá o apoio e a promessa de uma encíclica contra a escravidão, mas essa encíclica papal só chegou ao Brasil em junho 1888, um mês após a proclamação da Lei Áurea.

Joaquim Nabuco foi iniciado na maçonaria em 1º de dezembro de 1868 aos 19 anos de idade na loja América de São Paulo, atingindo depois o grau 18, sendo eleito como representante da loja perante Grande Oriente Unido no Rio de Janeiro.

Na política foi deputado federal do Brasil entre os anos de 1879 e 1889, sempre liderando movimentos abolicionistas na câmara federal, após o final do mandato e a derrubada da monarquia brasileira, Joaquim Nabuco retirou-se da vida pública por algum tempo e somente retornando 10 anos depois direcionando-se a carreira diplomática onde foi indicado para embaixador do Brasil em Londres no Reino Unido de 1901 a 1905, depois encaminhado para embaixador em Washington nos EUA, 1905 a 1910.

Joaquim Nabuco veio a falecer nos Estados Unidos em 17 de janeiro de 1910, sendo o seu corpo transferido para o Recife, sua cidade natal, e ali foi recebido por marinheiros descendentes de escravos que reconheciam o grande trabalho de sua vida em favor da causa abolicionista e sendo sepultado no cemitério de Santo Amaro.

Inclusive na data de seu nascimento, 19 de agosto, comemora-se, no Brasil, o dia do historiador, em sua homenagem.



**JC BECKMAN
ENGENHARIA**

 (91) 98124-5251

 JCBECKMANENGENHARIA@GMAIL.COM

OS AUTORES

A SIMBOLOGIA DA PEDRA ANGULAR E O PAPEL DOS MAÇONS DO ARCO REAL NA ORDEM E NA SOCIEDADE

Ir.: M.: M.: Willyans Maciel

A.:R.:L.:S.: ANTONIO ANDRE JANSSON – 161 – GLPR

Prof. de Ética e Bioética

LIVRES E DE BONS COSTUMES

Ir.: M.:I.: Adelino Lourenço Neto

A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DO ORIENTE – 2568 – GOB-PA

R.E.A.A. – GOB

Sec. Estadual de Informática – GOB-PA

Técnico em Informática

O PAPEL DO LIDER DA LOJA

Ir.: M.:I.: Fábio Costa de Oliveira Neves

A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

ADONHIRAMITA – GOB

Professor de Matemática – SEDUC-PA

O DRAGÃO E A LANÇA

Ir.: M.:M.: Emanuel Tadeu Machado

A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

ADONHIRAMITA – GOB

Professor de Física – Rede Particular de Ensino

SIMBOLISMO ADONHIRAMITA DA ESCADA DE JACÓ

Ir.: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA

ADONHIRAMITA – GOB

Sociólogo – SEMAS



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL

JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ

TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

SEGREDO E REPRESSÃO

Ir.: M.: I.: Luis Carlos de Melo
Tradução de David Harisson
GOB-ES

A ARCA — O TRONO DO DEUS ETERNO

Ir.: M.: I.: Fábio Costa de Oliveira Neves
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
ADONHIRAMITA – GOB
Professor de Matemática – SEDUC-PA

MEU NOME HISTÓRICO: JOAQUIM NABUCO

Ir.: M.: M.: José Alves Silva Filho
A.:R.: L.: S.: LUZ E VERDADE – 2608 - GOPE
R.E.A.A.



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837